TRIGO

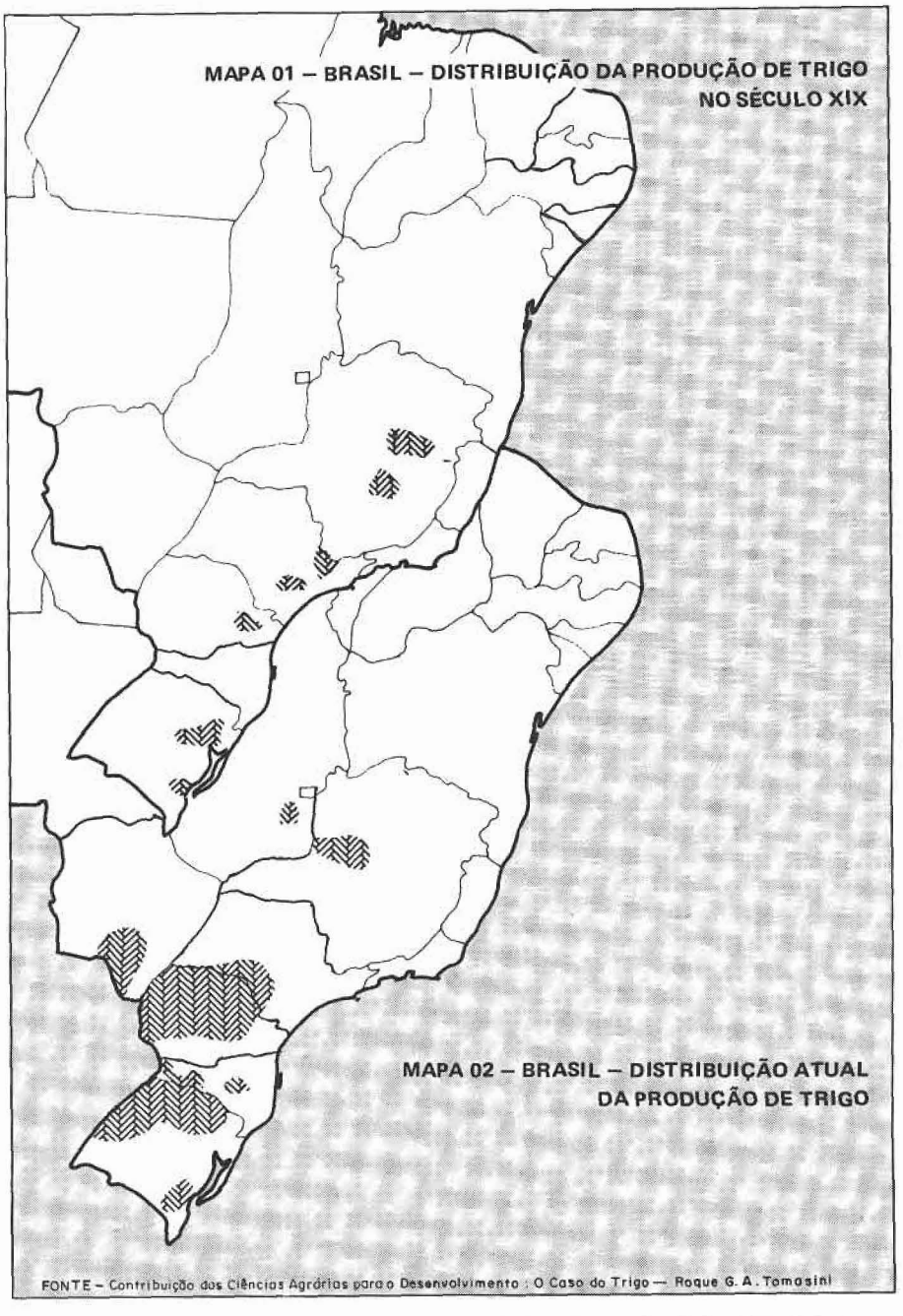
SEM CONTAR COM OS INCENTIVOS ANTES HABITUAIS, A PRODUÇÃO DE TRIGO NO BRASIL VEM DECLINANDO SENSIVELMENTE. ESTE ANO, DEVERÁ SER COLHIDA A MENOR SAFRA DO ÚLTIMO DECÊNIO. COM UMA DEMANDA INTERNA SEIS VEZES MAIOR DO QUE A PRODUÇÃO, HÁ GRANDE DEPENDÊNCIA DAS IMPORTAÇÕES. ASSIM, A REDUÇÃO DO CONSUMO E, CONSEQÜENTEMENTE, DAS COMPRAS NO EXTERIOR, DEPENDEM DA RETIRADA DO SUBSÍDIO, QUE NÃO MAIS DEVERÁ OCORRER EM 1984, POIS ACARRETARIA DRÁSTICA ELEVAÇÃO DOS PREÇOS.

A cada nova primavera, costuma-se fazer um balanço da produção brasileira de trigo. Este ano, já se sabe que deverá ser colhida a menor safra dos últimos dez anos, pois a área semeada, ligeiramente inferior aos 2 milhões de ha, deverá produzir apenas 1,6 milhão de t, com um rendimento médio em torno de 800 kg/ha.

Não chega a ser um resultado surpreendente, pois delineou-se uma tendência de retração da área cultivada a partir de 1979, quando o trigo deixou de contar com os incentivos que vinha recebendo, em termos de crédito e preços.

Também a severa frustração da safra daquele ano suscitou inúmeras discussões a respeito da viabilidade da produção no Sul do país e induziu a um maior cuidado na escolha das áreas a serem semeadas. Mesmo assim, a partir de 1980, bons e maus resultados alternaram-se e, em 1983, a área plantada foi inferior aos 2 milhões de ha. Os Mapas 01 e 02 apresentam a distribuição espacial das lavouras de trigo, permitindo observar sua disseminação, por vezes em zonas consideradas inadequadas. As primeiras plantações localizavam-se bem próximas aos centros de consumo.

A produtividade média brasileira, de 1.190 kg/ha, alcançada na última safra, ao mesmo tempo em que o governo fixava um preço de aquisição considerado razoável (Cr$ 18 mil/saca de 60 kg, reajustados pela correção cambial de abril em diante), fez com que a área plantada apresentasse



MAPA 01 – BRASIL – DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO DE TRIGO NO SÉCULO XIX

MAPA 02 – BRASIL – DISTRIBUIÇÃO ATUAL DA PRODUÇÃO DE TRIGO

FONTE – Contribuição das Ciências Agrárias para o Desenvolvimento : O Caso do Trigo — Roque G. A. Tomasini

ligeira expansão em 1984. Contudo, tratando-se de lavoura extremamente vulnerável, a ocorrência de problemas climáticos ao longo do desenvolvimento da safra deve ser considerada normal. Este ano, como não poderia deixar de ser, houve uma forte seca no norte do Paraná, em São Paulo e no Mato Grosso do Sul, que reduziu as produtividades médias nesses estados (ver Quadro 16). Além disso, no final de agosto, ocorreram geadas no Sul, prejudicando as lavouras gaúchas e as da região Centro-Sul do Paraná. Aliás, no Norte Paranaense, a seca causou perdas semelhantes às que, no Centro-Sul do estado, foram provocadas pela geada. No Oeste, registraram-se altas produtividades.

QUADRO 16 – BRASIL E ESTADOS SELECIONADOS – ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO – 1984

ESPECIFICAÇÃO	ÁREA (1.000 ha)	QUANTIDADE (1.000 t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Rio Grande do Sul	704	575	817
Paraná	920	850	924
Mato Grosso do Sul	146	61	418
São Paulo	139	98	705
Santa Catarina	20	18	900
Minas Gerais	13	24	1.846
BRASIL	1.942	1.628	838

FONTE – Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, IBGE (agosto de 1984).

". . . a situação frente ao consumo torna-se cada vez mais problemática."

De qualquer forma, a produção ainda não está totalmente definida, pois depende do clima, em outubro e novembro, no Rio Grande do Sul.

A primavera gaúcha não pode ser quente e úmida, o que impedirá que a safra chegue a bom termo.

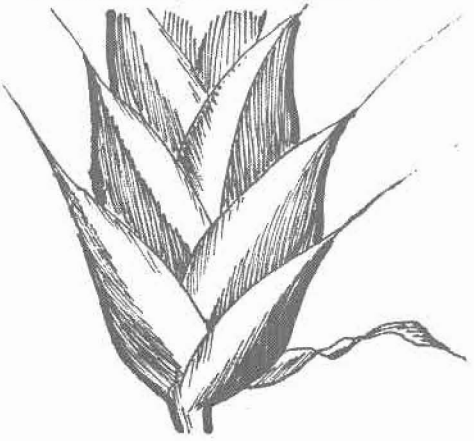
Se as grandes oscilações na produção de trigo podem ser consideradas **naturais**, a situação frente ao consumo torna-se cada vez mais problemática. Isto porque uma safra da ordem de 1,6 milhão de t deixa para o consumo industrial pouco mais de 1 milhão de t, frente a uma demanda estimada, de início, em 1984, em 5,8 milhões de t e, posteriormente, reajustada para 6,1 milhões de t.

A situação do próximo ano não deverá ser muito diversa, acarretando importações da ordem de 5 milhões de t, 11% acima da quantidade prevista para este ano.

A redução do consumo e, conseqüentemente, das importações, depende da retirada do subsídio. Anunciada inúmeras vezes, sua efetivação não deverá ocorrer ainda em 1984, pois isso representaria uma drástica elevação dos preços de venda aos moinhos e, é evidente, do pão e das massas.

Provavelmente, a meta de acabar com o subsídio deverá continuar a ser perseguida, mas, como se sabe, sua extinção total implicará não só num reajuste substancial dos preços num determinado momento, mas também em reajustes sistemáticos a cada nova desvalorização cambial, para impedir seu ressurgimento.

Ao que tudo indica, tem ficado cada vez mais claro que a retirada do subsídio é uma questão **política**, e não apenas uma ordenação de contas dentro do **Orçamento Monetário**.



A revista **Agroanalysis** *de julho deste ano teve como matéria de capa uma análise sobre os "Subsídios do Trigo", em que se afirma, na página 6, que "Alguns técnicos argumentam que a lavoura de trigo foi, de certa forma, responsável pela redução da oferta de gêneros alimentícios, conforme sugere* **Renato Zandonadi**, *em seu artigo* **O Caro Trigo Barato que o Brasileiro Consome**, *quando afirma que 'os produtores de arroz, milho, feijão e mandioca são os que mais se sentem prejudicados com a atual política do trigo; além de terem a sua renda reduzida, são também os que menos participam das vantagens de política de subsídio".*

*O autor em referência, no entanto, expressou sua discordância quanto à forma de inserção de seu texto naquela matéria, uma vez que, segundo ele, sempre se referiu ao "***subsídio que é destinado ao consumo do trigo**, *como sendo o responsável pela redução da demanda por produtos de consumo popular consumidos no país".*